



FILAMENTOS

ARTES E LETRAS NA
DIÁSPORA AÇORIANA

ARTS AND LETTERS IN
THE AZOREAN DIASPORA

SEXTA EDIÇÃO

OUTUBRO 2023

CONTENTS

- 3 EM POUCAS PALAVRAS / IN A FEW WORDS
- 4 A “MULHER PÁSSARO”
- 7 MAR E MAR E AMÉRICA E AMÉRICA POR TODOS OS LADOS
- 10 A JOURNEY OF PROMISSE
- 16 CHATGPT HASN´T WON ME OVER
- 19 NATÁLIA AT 100

FICHA TÉCNICA

DIRECTOR: DINIZ BORGES

EDITORIAL BOARD: LINDA CARVALHO-COOLEY; EUGÉNIA FERNANDES, EMILIANA SILVA AND MICAHEL DEMATTOS

ADVISORY BOARD: ONÉSIMO ALMEIDA, DUARTE SILVA, TERESA MARTINS MARQUES, RENATO ALVIM, DEBBIE ÁVLA, MANUEL COSTA FONTES, VAMBERTO FREITAS, IRENE M. F. BLYER AND LÉLIA PEREIRA NUNES

DESIGNER: HUMBERTO VENTURA - WWW.ILLUSTRATETHEWEB.COM



EM POUCAS PALAVRAS... IN A FEW WORDS...

Diniz Borges
director

Ligando Culturas: Abordando a ligação cultural Açores-Américas

É o que pretendemos com esta revista de artes e letras. Um diálogo cultural entre criadores e académicos em ambos os lados de um mundo constituído por séculos de ligações e afetos. Em ambas as costas do continente norte-americano, quer nos EUA, quer no Canadá, lá estão os açor-descendentes, que direta e indiretamente contribuem para o multiculturalismo destes dois países.

Continua a ser importante, nas duas línguas que comunicámos, continuar a aproximação entre quem ficou e quem no outro lado do mar, já com muitas pinceladas americanas e canadianas, leva os Açores a outros mundos e outras culturas. O diálogo criativo e analítico entre os Açores e as Américas continuar a ter um significado muito especial quer cá, quer lá. É um contributo muito minúsculo, mas é sincero e inteiramente dedicado a estreitar, cada vez mais, esses laços, começados há mais de quatro décadas por Onésimo Teotónio Almeida, a quem devemos muito nos Açores e na Diáspora.

Bridging Cultures: Exploring the Azores-Americas Cultural Connection

That's what we aim for with this cultural publication dedicated to arts and letters. An artistic and cultural dialogue between creators and academics comprised centuries of connections and affections. On both coasts of the North American continent, whether in the USA or Canada, there are Azorean descendants who directly and indirectly contribute to the multiculturalism of these two countries. In the two languages we have communicated, it is still essential to continue bringing together those who stayed and those who, on the other side of the sea, with many American and Canadian touches, take the Azores to other worlds and other cultures.



FOTO DE DINIZ BORGES

The creative and analytical dialog between the Azores and the Americas will continue to have a special meaning here and there. It's a minimal contribution, but it's sincere and entirely dedicated to strengthening these ties, which began more than four decades ago with Onésimo Teotónio Almeida, to whom we owe a great deal in the Azores and the Diaspora.

“A MUHER-PÁSSARO”

Ângela de Almeida

Investigadora, ensaísta, poeta

“O misticismo secular é uma forma de experiência(ou de procura) da divindade, desligada de contextos tradicionais...”

Y.K.Centeno, Literatura e Alquimia

Filha do poeta mariense Armando Monteiro, Madalena Férin nasceu em Vila Franca do Campo, uma vez que o avô, o médico e historiador Manuel Monteiro Velho Arruda, trabalhava no hospital daquela vila. Logo após o nascimento, a futura poetisa partiu com os pais para Santa Maria, onde a família residia. Já menina, e porque a escola primária era deficitária naquela ilha, haveria de estudar em casa, onde receberia aulas particulares. Os quarenta e três anos que viverá na ilha mais oriental dos Açores ficarão assinalados pelos serões que animava, regados a poesia, pelo casamento, pelo nascimento dos quatro filhos, pela relação endógena e ambivalente com a ilha natal e pela publicação do primeiro livro, Poemas (1957), com um prefácio de Eduíno de Jesus. Sobre o mesmo, escreveria José Enes, na revista Atlântida:

“a alma de Madalena Férin está muito longe de ser sensual. A fome, que a leva a sorver o sensível, não é sensível; é antes, metafísica. Metafísica, não enquanto empenha só a inteligência: senão enquanto arrasta a vontade e a sensibilidade numa incontida aspiração para

a plenitude.” (ENES, 1957: 253)

O segundo livro, Meia-Noite no Mar (1984), escrito vinte e sete anos mais tarde, incluirá uma carta de Armando Cortes-Rodrigues, anteriormente publicada na imprensa regional². Nela, referirá o poeta:

“o teu nome ficará um dia brilhando como estrela de rútila grandeza perante a lembrança dos homens. E nesse dia bendirás as lágrimas que choraste pela angústia de ser Poeta.”

(CÔRTEZ –RODRIGUES, 1984: 7)

O ciclo poético de Madalena Férin (1957-2003) assenta num universo simbólico-estilístico ao (re)encontro da totalidade arquetípica. Deste modo, não estamos perante um itinerário invocador do metafísico, antes, ávido da unidade cósmica- **“(…) sei que pertença ao corpo universal à ondulação ao frémito dos astros”**. Apenas assim, o sujeito poético, **“a mulher- pássaro”**, consumirá a plenitude do vôo alquímico, onde a alma, então purificada³ - **“na alquimia de sermos lírios puro”** - existirá- **“(…)una(...)inteira(…)”**. Esse itinerário poético parte da ilha natal -prisão -**“uma ilha já não é de muros de água/para livrar-me dela tenho asas/livre-me da ilha/no meu corpo/mas tenho-a enquistada na minha alma”**-, viabilizando a emersão da outra ilha-**“.../... a ilha /prometida...”** símbolo da *Tellus Mater*, à qual ascenderá através de um vôo alquímico; parte, também da **“cidade vegetal”**, não com **“muros de água”**, mas com um **“portão por abrir”** - **“.../Cidade/ onde / os cegos estão colados às esquinas/.../Cidade/ acordeão da noite sem aurora nunca/...”**; parte, ainda, de um mundo as nuvens/e

¹ CENTENO, YVETE, K. (1987). LITERATURA E ALQUIMIA. LISBOA: PRESENÇA-9.

² RODRIGUES, ARMANDO CORTES-(1959). “NOTA DA SEMANA”. JORNAL AÇORES, 24 DE MAIO DE 1959:2.

sentí o odor do/holocausto/...”, “.../...mundo/ onde me prendo/escadismo/...”. Este itinerário, este voo libertador, suportado num universo simbólico ascensional- **“escada”, “alado”, “deuses”, “anjos”, “asas”** -, parte dessa realidade antitética e distópica, ao encontro do Absoluto anterior - **“a essência do olhar/é anterior ao tempo/...”** -, onde os opostos fundir-se-ão- **“...a água e o fogo/misturam-se na taça/...”, “Abres o teu futuro/no passado;/...”, “.../ e a noite foi/separada da / manhã/...”, “...misturando o profano/no divino/...”**. Naturalmente que estamos perante o voo onírico bachelardiano, pautado pela ascensão e pela queda humana - **“onde nada tem nome/transparente e alada/estranha subo e desço/por uma oculta escada”**-, na procura incessante dos **“violinos ocultos sob a relva”** ou uma defesa da ambivalência do discurso poético, que ora mostra ora oculta, convidando o crítico a fazer o mesmo caminho de desocultação do inconsciente colectivo , através dos **“arquetipos, imagens arquetípicas, ou primordiais, mitos, e símbolos”** (CENTENO, 1987: 47).

É assim que , neste voo, são invocadas aquelas que , na mitologia grega, lutaram pela sua libertação- Andrómeda, Penélope, Andrómaca ou Afrodite -, ao mesmo tempo que se sente a cumplicidade de algum universo vocabular bíblico, como **“leite”, “mel”, “vinho”, “linho”, “candelabro”, “fogo”, “dilúvio”, “Moabe”**, além de expressões, como **“Nus no /Jardim/...”** , os **“Sete Selos”, “a maçã que a mulher/não mordeu/...”**. Há toda uma convocatória, que atravessa mitos, crenças, lendas, mistérios, sentimentos, para agregar deusas e deuses, **“fadas”, “sereias”, “atlantes”, “o Amor”**

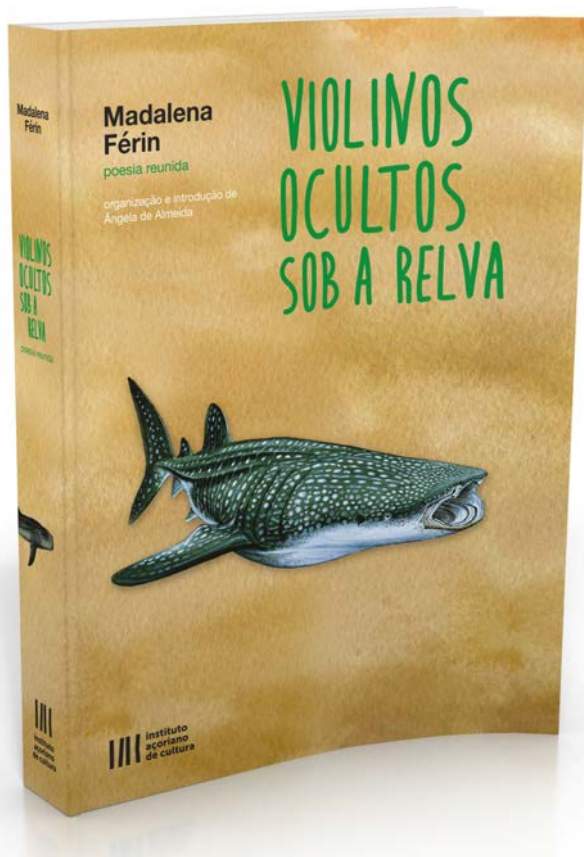
, o **“caldeirão”** do Santo Graal, **“Jerusalém”** , a **“Grande-Mãe”**, no voo ncansável e definitivo do ser para o não ser, do tudo para o nada, da ordem para o caos anterior , para o indecifrável: **“no princípio era o caos/.../...dormimos no abismo/em águas que flutuam/onde tudo era igual/ indistinto do nada/...”** Mas, neste itinerário alado, são também convocadas as mulheres, todas as mulheres ostracizadas- **“.../excluída a mulher/...”, “as mulheres de Lamec/ que ouvem a sua voz/a água e o fogo/ misturam-se na taça/ desvendámos o sexto/candelabro/...”, “.../uma mulher de fogo/com a lua de escabelo/gritando as dores de parto/debaixo do vestido/trazia a grande espada/.../.../abriu-nos o caminho”**. E, finalmente, a arte poética é questionada: apela-se à função inaugural, primeira, da palavra no poema-a palavra pura, não contaminada: **“Poetas, é preciso romper o amanhã/ em que a Poesia seja virgem de palavras! /Que a ideia emerja pura do seu ninho, /pura/como um jacto de água! /...”**

Autora de uma poesia escatológica, apocalíptica, intimista, mística, denunciadora do exílio interior e do consequente êxodo - **“fujamos”** -, Madalena Férin é autora de uma maturidade poética, logos do voo iniciático e, por isso, interior- **“Na noite em que eu /morrer/eu abrirei as minhas asas/multicores. /...”** -, ao encontro do ouro alquímico ou a perfeição humana. Há, deste modo, uma regressão embrionária, que nos é trazida pela vontade incessante de regresso ao mar primordial: **“Ó venham sereias/ que estou cansada/.../venham não tardem/p´ra me buscar/que há muito espero/voltar ao mar”;**

3 “O PÁSSARO É UM SÍMBOLO DA ALMA”. VIDE CENTENO(1987:54); “O PÁSSARO É POIS UM SÍMBOLO DE TRANSCENDÊNCIA DO EU SUPERIOR. EM QUE OS OPOSTOS SE ENCONTRAM RECONCILIADOS” (P.57).

“.../mas se te escrevo água/água liberta/soletrando o teu nome/ bebendo o teu fulgor/aqui sobre esta página/ o mar suba/me inunde me dissolva/em seu furor”. Realizado o vôo iniciático, é possível alcançar a outra ilha- a ilha, símbolo da Terra Mãe e (re) integrar a origem líquida da vida.

Felicito, deste modo, o Instituto Açoriano de Cultura, pela justíssima e importantíssima iniciativa, transmissora da consciência duma missão de resgate, resgate da arte salvífica e perene que não apenas dá sentido aos nossos dias, mas que o prolonga, como alimento indispensável à nossa função criadora e crítica.



CAPA DO LIVRO "VIOLINOS OCULTOS SOB A TERRA" DE MADALENA FÉRIN



MAR E MAR E AMÉRICA E AMÉRICA POR TODOS OS LADOS

Vamberto Freitas

O meu país era uma terra plantada em pátria nenhuma, com água no mar e maré cheia nos olhos.

José Francisco Costa, *Mar e Tudo e Outros Casos*

Releio *Mar E Tudo e Outros Casos* de José Francisco Costa e reencontrou-me – é-me um estado perpétuo desde sempre nas minhas leituras açorianas e diaspóricas – por vezes contra a minha vontade do momento, com o meu próprio passado. Não quer isto dizer que as nossas estórias pessoais e destinos de vida tenham sido ou sejam sempre iguais ou em consonância vivencial desde o nosso nascimento e infância aqui nas ilhas ou sequer no rumo que cada um de nós tomou ou toma na inevitável embarcação real ou imaginária que tem sido a sorte da vasta maioria dos que nestas ilhas nasceram. Para nós filhos do mar, olhar a oriente com sentido pátrio é um ato por vezes ambíguo, é a nossa comunidade nacional imaginada e por alguns vivida, foi durante séculos reduto de minorias ricas e ricas, a memória supostamente aristocrática desses poucos que, como outros já escreveram pertenciam ao topo minúsculo da pirâmide que sempre retratou a condição social do nosso arquipélago. Entretanto,

deve-se reafirmar que não existem geografias mais universalizadas do que as pequenas ilhas espalhadas por todo o planeta, como aliás afirmou continuamente Édouard Glissant em quase toda a sua obra de teorização de literaturas insulares (mesmo a partir de Paris), a sua ilha natal de Martinica nas Caraíbas como outro exemplo de se estar em casa no mundo. A escrita de José Francisco Costa é esse exercício de escrita híbrida que combina exemplarmente biografia, memória do tempo e das suas gentes micaelenses com as suas andanças entre as Capelas do seu nascimento, o seminário de Angra do Heroísmo, seguido dos estudos superiores em Lisboa e subsequente docência nos arredores da capital, tudo seguido, diria eu inevitavelmente, com a sua partida para os Estados Unidos da América (Providence em Rhode Island, no seu caso) na companhia da mulher quase no fim dos anos 70 do século passado. Aí completaria o seu doutoramento sobre a obra de Jorge de Sena e dava início a uma carreira longa carreira como professor universitário, pormenor que me parece aqui de viva importância para algumas das suas próprias narrativas no presente volume – a memória que nos aparenta um realismo literário mas que contém si e subrepticamente variados passos de um surrealismo ameno perfeitamente apreendido no contexto maior de todos estes contos quando passam dos mistérios da ilha para a portugalidade simultaneamente clara e ambígua no eventual aconchego na grande e complexa sociedade norte-americana, necessariamente num estatuto intelectualizado com as fábricas ao lado onde pagaram historicamente todos os seus pecados a maioria dos seus e nossos conterrâneos.

Como é que a boa ou grande ficção se torna necessariamente um retrato coletivo, reentra no espírito de um tempo e de um

e de um lugar, convoca a história comum de uma comunidade? Criando protagonistas e outras personagens que no relatam em discurso direto ou indireto a sua vivência, as suas paixões, a sua felicidade ou infelicidade, a sua aceitação ou rejeição do seu destino, sobretudo esses estados de alma nas mais conhecidas ou inesperadas condições de vida. Para um ilhéu açoriano a pequenez da terra e das mentalidades raramente se conjuga com a vastidão do seu mar-passadeira. A melhor maneira de viver a ilha – sem qualquer ironia alguma – é sair dela, para depois reimagina-la na dor da saudade que permanecem mas que darão lugar ao seu também imaginado esplendor para além da Natureza exuberante, enquanto guarda na memória tudo quanto constitui os seus ritos sagrados e profanos por entre os cheiros da terra e do mar, o colorido das flores, a beleza dos seus matos – a humanidade a um tempo cercada em tempos idos, tornada livre pela partida. O imigrante nunca regressa, não pode regressar, nas palavras de um outro escritor nosso, ao que nunca deixou. Todos estes textos de *Mar e Tudo e Outros Casos* tornam-se numa só narrativa transnacional, por assim dizer. Nem uma só descrição ou transfiguração da vida-outra na América está livre do passado, das origens, a força das raízes nunca cede à alienação que os que nunca saíram julgam que a distância provoca a quem por ela só optou fisicamente. Que nunca se chame a estas literaturas, lusas ou qualquer outras numa sociedade diversificada como a americana, “de minorias”. Pelo contrário, a arte literária dessa América estaria incompleta, mesmo que outros leitores por lá não deem por nada. A partir dos nos 90, o ato literário luso na imigração começou a ser acompanhado por substanciais obras em inglês de lusodescendentes. Eles “regressam” continuamente ao que pouco conhecem em direto, mas reconstituem

as lembranças indeléveis dos avós e pais, e até de antepassados mais longínquos.

A prosa de José Francisco Costa acrescenta à sua beleza e contundência temática, na sua incursão pelo passado reinterpretado e pelo seu foco de iluminação colorida sobre como se está longe sem se sair do território-pátrio, algumas das linguagens que os regressantes temporários nos trazem e que tanta confusão provoca nos que sempre só tiveram o horizonte fechado e o céu nublado como visão do seu pequeno mundo. O deixar cair um termo ou outro português agora americanizado atesta a riqueza das coisas e da mundividência que cá nunca existiu, a língua viva reinventada por uma vida também corajosamente reinventada. Sem obras como esta a literatura açoriana estaria decepada, mais limitada e, sim, para desgosto de alguns, menos universalizada. Esta é uma literatura que raramente se dirige aos leitores anglo-americanos, dirige-se a nós cá dentro e a nós lá fora. Lembra-nos o que olhamos mas não vemos, apresenta-nos, isso sim, à ilha estendida por todos os mares que vão dar a ocidente, à pátria alongada que tem sido quase só a nossa única salvação histórica.



LANÇAMENTO DO LIVRO "MAR E TUDO E OUTROS CASOS" DE JOSÉ FRANCISCO DE COSTA, LIVRARIA SOLMAR

“Ainda no parque de estacionamento, – escreve o narrador sobre uma das suas personagens no conto que abre a secção intitulada Em cada ilhéu/um barco/na linha dos olhos – Duarte deu de caras como o manager que, numa arenga aporuguesada, não perdeu a oportunidade de lhe perguntar, pela milésima vez, quando é que deixava a cara séria que vestia sempre que chegava à fábrica. Duarte respondeu com um next time tão seco de azedume que o outro se limitou a um desconcertado abanar de cabeça. O encarregado nem teve oportunidade de indagar sobre como corriam as aulas do segundo ano de engenharia que Duarte andava a frequentar na universidade. Era mais uma noite de fábrica, daquelas em que as horas se enovelam como onda que se agiganta e morre sobre si mesma, sem quebrar na rocha. O tempo aqui era sempre igual. Para Duarte, a única diferença neste limiar da primavera consistia num pormenor que, para ele, era sempre uma descoberta que o arrancava à monotonia em que se instalara: os dias iam crescendo mais, encurtando assim a noite. Restava-lhe a tímida esperança do findar deste longo turno e o tão apetecido *day-off*”.

Se já disse da clareza e da ironia de outros passos em cada uma destas páginas, falta dizer do humor, em tons mais ou menos trágicos, com que cada ser aqui representado se expressa ou entende este seu mundo feito de um passado que nunca chega a o ser, e de um presente que vai em direção para quase todos a um conforto e desafio de um mundo novo, à realização pessoal e familiar outrora sonhado na outra e brava margem do Atlântico. Somos aqui um outro povo pessoano, a tentar o equilíbrio dos vários seres que nos habitam, na multiplicidade da nossa experiência e das linguagens da nossa identidade fluida – a que nos

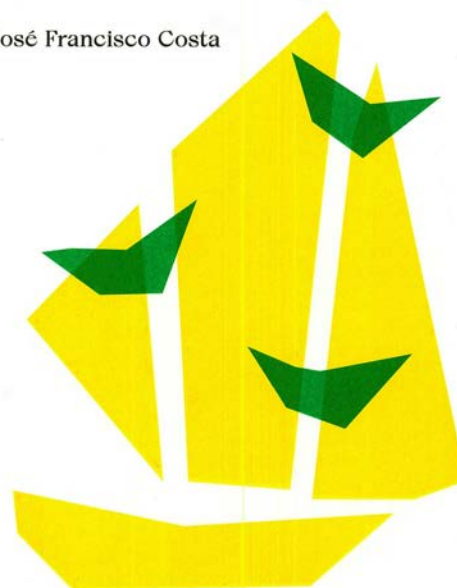
nos transmite toda a literatura mais relevante e espelhadora da nossa ou de qualquer outra história. Literatura americana, literatura portuguesa, literatura açor-americana, literatura lusodescendente.

Em boa hora Onésimo Teotónio Almeida e Santos Silva (Presidente da Assembleia da República) fundaram ou adicionaram esta Coleção Comunidades Portuguesas da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, de que *Mar e Tudo e Outros Casos* é o segundo volume. José Francisco Costa, pelo seu lado, tem uma extensa obra de ficção, ensaio e poesia, e tem-se dedicado ao letrismo para vários artistas nos dois lados do Atlântico, assim outros contributos de vária ordem para o teatro que se faz na nossa Diáspora.

—
José Francisco Costa, *Mar e Tudo e Outros Casos* (Prefácio de António Rego), Lisboa, Coleção Comunidades Portuguesas, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2022.

Mar e Tudo e Outros Casos

José Francisco Costa



Coleção
Comunidades
Portuguesas

Contos

CAPA DO LIVRO "MAR E TUDO E OUTROS CASOS" DE JOSÉ FRANCISCO COSTA

A JOURNEY OF PROMISE

Emanuel Melo

When my father, Antonio Cabral de Melo, left the Azores in November of 1964 for North America, he stayed in New Bedford, Massachusetts for a short while before moving permanently to Canada. Several years ago, I visited the house where he lived with his mother's sister, Aunt Penny, her husband Frank, and their little boy Chico. Seeing where he had gone to live while I was still a six-year-old back in São Miguel, was an experience that moved me deeply; to be inside the house where my father had started out, before my mother and I joined him three years later to live in Toronto.

My memories of the time during my father's absence are shaped by the letters and photographs he sent my mother and me about his life in New Bedford and later in Toronto. For most of my life, I never considered what my father must have felt about his journey of immigration. All I ever focused on, with the introspection and self-centeredness of a child, was my own grief over his absence. It was only after his death in 2005 that I began to imagine what might have gone through his mind and heart as he left my mother and me for a journey that promised a better future in a faraway land.

I booked a flight as soon as the Non-immigrant visitor's visa arrived, the Consulate of the United States of America stamp on my passport allowing me to stay only for a short time, but enough for me

to venture out and take my chances that, once on American soil, I would be able to extend my visa easily. When the day of leaving arrived, I woke up with my stomach heavy as a stone, regretting my decision, but knowing that I had no choice. My wife, Berta, was already up, quietly packing last-minute socks and underwear in my suitcase by dim light. My little boy slept soundly. I caressed his head, wished him good dreams, and whispered into his ear, "*Filho, não te esqueças do pai.*"

We were silent, my wife and I, so that we would not wake up our son. My in-laws, who lived with us, would stay with him while she saw me off. I put on my sobretudo, the overcoat too warm but it would be cold in America, so I had been told.

I went back into the bedroom for one last look at my son. As I stood over the bed, my wife begged me to stop crying, to be quiet, and not to disturb the boy. "He's too young to understand why you're going away," she said. She would tell him later, she promised. I reached down and picked him up, I held him in my arms and would not let him go. She pried my sleeping son out of my embrace as I kissed him over and over again.



FOTO DE EMANUEL MELO

It was still dark on that late-November morning when our shoes broke the silence with a loud echo along the cobblestoned road. We walked side-by-side, without saying a word, all the way down to the city centre where we sat in a quiet café, ignoring the coffee in front of us. The minutes hurried into the final hour. I looked at my watch and then at the sadness in her eyes.

We walked around the corner to the *igreja da Matriz* where we had agreed to have our final farewell. The church was a dark tomb, except for candlelight flickering at the altar. Only whispered *ave marias* broke the silence as we sat on a black-lacquered, stiff wooden pew, on the Blessed Sacrament Chapel side. I had never noticed how hard the seats felt before and now I would miss sitting there every Sunday morning with my wife and child.

The priest and an altar boy appeared. The first Missa of the day was about to start. We looked into each other's eyes for the last time. I squeezed her hand and whispered "*Adeus, Berta, coragem.*" Her lips quivered like a little girl. She then looked toward the altar of São Sebastião, the patron saint's statue full of arrows piercing his body, hurting him just like the pain I was feeling in mine, and she faintly whispered "*Adeus, meu querido Antonio.*" I walked toward the church doors as the priest started the Mass.

There was still a bit of time before I had to take a taxi to the airport, so I waited outside until Mass was over. I wanted to see my wife one more time. I hid in a doorway and watched her come out, her head kerchief accentuating her pretty face as she walked towards the *urbana*. She got on the bus, and sat by a window. I waved one last time, but she didn't see me.



FOTO DOS PAIS DE EMANUEL MELO EM SÃO MIGUEL, AÇORES

I wondered what my son would say when his mother arrived at the house to explain to him that "*O pai foi pra América,*" followed by an assurance that I would return. Would it break his heart the way it broke mine? I would write to him as soon as I arrived in America to tell him I loved him. I would tell him that I would be coming back as soon as I paid off our *dividas*. I would have to explain how so much debt had accumulated, faster than I could pay off, how I tried to make everything work but couldn't.

Berta wanted the new house, the new car, she encouraged me to open up my own grocery store; but I was a lousy businessman. I gave too much credit to everyone, and I was lousy at collecting what they owed me. After a year of trying, I was forced to shut down the *mercearia*, across from the *Convento de Santo André*. To pay my creditors, I started borrowing: at first, small amounts of cash from one friend; then another; and then having to borrow larger amounts from someone else to pay the first friend back; until I owed money to everyone I knew, without the means to pay any of them back.

That's when the idea of leaving the island for America came to me. My parents, too, agreed that this was the only way out, but they feared that my wife would never let

me go. She was too attached to me. We had been together since she was thirteen and I was the only man she had ever known.

To my surprise, she eventually, but reluctantly, agreed to let me go. Everyone knew that the only way to fix an impossible financial situation was to immigrate to the land of money. Berta knew that, too. She had to swallow her pride and submit to the truth that this was the only possible solution that would save our lives. She agreed only on the condition that I return as soon as our debts were paid off.

How could I say all this to my little boy?

How would he understand?

It was a long day of travel from Ponta Delgada but I finally arrived in America. Luckily, without knowing a word of English, I managed to get through customs. The Boston airport was bigger than anything I had seen on our island. I tried to find my way toward the exit doors. I held on to my small suitcase with the address of my *tios* in my hand to show the taxi driver.

“Ó, *senhor Antonio!*” I turned around and was surprised to see someone I knew from back home. “*O que é que o senhor Antonio está a fazer aqui?*” my compatriot asked what I was doing there. “Ó *Senhor José, como é que isto é possível? How is this possible, to meet you here, so far away from our island home?*” I replied, overjoyed. I showed him the piece of paper with the address of where I was going. He recognized the address in New Bedford, and said that it was outside of Boston, very far from the airport. Massachusetts was a big place, he said, but luckily, he lived in Fall River, and he would drive me all the way there and then I could take a taxi from his house to my final destination. I

smiled with relief. *O Senhor Santo Cristo dos Milagres* always had a way of taking care of me.

Senhor José kept an eye for the relative he had come to pick up and when he spotted him he waved and soon there were embraces of reunion before we headed out to his car. Senhor José drove for a long time. There were lights along the highway that kept on going forever. I think we could have circled the entire island of São Miguel more than once by the time he stopped the car. His wife welcomed me and their relative with a big smile. I hoped I would get the same happy reception when my *tios* saw me at their door. I waited by the warmth of their front hall until the taxi arrived. Senhor José said something I could not understand to the driver, wished me *boa sorte* with a firm handshake and promised that we would see each other again.

The ride to New Bedford felt like a long way to go and I worried about having enough cash on me to pay the driver. I was very tired after a long day of travel. Two flights, the first from São Miguel to Santa Maria on the small SATA, and from there, to the biggest airplane I had ever seen.

It would be about three o'clock in the morning back home. My wife and son – my family – would be asleep. I wondered what my *tios* would say when they saw me. Now that I was almost at their house, I regretted that I hadn't written to ask permission to come stay with them first. But what if they had said no? It would be much harder for them to send me away once they saw me at their front door. I prayed an *ave maria* that they would take me in.

The taxi cab slowed down and stopped. The driver pointed to the corner house. I paid him with my new American dollars

and waved for him to go. I didn't want him to be there in case my relatives told me that I could not stay. If I was without a ride, they were more likely to let me in. Once the car drove off, the silence of the night was unbearable and I trembled in the cold air as I walked up the front steps and reached for the doorbell of the house all in darkness.

A startling loud ring announced my presence but it also determined my future.

There was silence again, and it felt like I had been waiting for hours before I heard any sound. Finally, a light went on, the door opened and a tall man, groggy with sleep, wearing pyjamas, looked out into the darkness with surprise. It had to be Uncle Frank. I gave him the biggest smile. I hoped he would not see how nervous I felt. "*Sou o Antonio, o filho da Maria.*" I said to reassure him who I was.

"Antonio? Como é que você chegou aqui?"

Before I could explain how I got there, Aunt Penny appeared, timidly standing behind her husband, clutching her bathrobe around her chest. She, too, peered out to see me with unexpected disbelief. The couple stood still as if guarding the entrance to their home, perhaps hoping that they were only dreaming and that I would soon vanish. I begged them for forgiveness for this late-night intrusion and also for not warning them of my visit. I asked them to, at least, allow me to stay for the night. I would be happy to leave in the morning, I said, immediately regretting saying it just in case they took me up on my word.

They looked at each other and said something in English. They then looked

at me. To my relief, Uncle Frank waved for me to enter but warned me that I had a few days to find another place to stay. They had been severely let down before by other relatives and family friends, he said, who knowing that Uncle Frank had already made a success of it in America, descended upon their home with the hope of tapping into their good fortune. All of these relatives had proven to be ungrateful for the assistance given to them and Uncle Frank and Aunt Penny had sworn that they would no longer try and help any of the increasing number of arrivals from the homeland who knocked on their door, announced or not.

I assured them that they would not regret taking me in. I would not let them down. I had come for work, any kind of work I could find. Aunt Penny nodded as she looked me in the eye, but I could sense that she was doubtful of my sincerity when she looked away.

She showed me to their kitchen, spotlessly clean, full of modern appliances Berta could not even dream of. "Luckily we just finished Thanksgiving dinner and there's plenty of leftovers in the refrigerator. I'll put a plate out for you." I sat down at the kitchen table and never ate with so much pleasure in my life. When I finished, she took me to a small room next to the kitchen and said that I could sleep there for the night, and that we would talk further in the morning. I thanked her for everything. The worst was over. I was now safe and warm, at least for that first night, and I tried to sleep, dreaming of my wife and son, missing them terribly and wondering how their first day went without me.

4 de Dezembro de 1964, Ponta Delgada

Cartas (Letters)

30 de Novembro de 1964, New Bedford,
Massachusetts,

Querida esposa e filho,
É com muita saudade que escrevo esta carta para dizer que, graças a Deus, cheguei a New Bedford e tudo correu muito bem. Os tios ficaram surpreendidos quando me viram à porta, mas depois, no outro dia, disseram-me que podia ficar por algum tempo. Tenho andado a trabalhar no armazém do tio, arrumando as coisas, limpando tudo, que ficou como uma maravilha. Tenho brincado muito com o Chico, o filho deles. Às vezes estou cansado e preferia dormir mas tenho que lhes agradar para ver se me deixam ficar aqui até eu poder arranjar algum emprego. Como está o meu querido filho, que tantas saudades tenho dele. Um grande beijo e abraço para ti, minha querida, e para o nosso filho. Adeus. Antonio.

My darling wife and son,
It is with much longing that I write to tell you that, thanks to God, I arrived in New Bedford and everything turned out well. My aunt and uncle were very surprised when they saw me at their doorstep but, on the following day, they said that I could stay for a little while. I've been working in Uncle Frank's warehouse, organizing the cluttered shelves, cleaning everything, making it all look good. I play with Chico, their son. Sometimes, I am tired and would prefer to sleep but I have to please them while I live in their house and until I can find some other work. How is my dear son? I miss him very much. A big kiss and hug for you and our son. Goodbye for now, Antonio.

Meu querido e saudoso marido,
Foi com lágrimas nos olhos que li a tua carta, que fiquei tão contente em saber que tudo te correu bem. Eu vou indo muito triste como podes calcular mas, paciência, teve de ser assim. Espero que voltes mais cedo do que mais tarde. O nosso filho está bom, continua a gostar da escola mas tem muitas saudades tuas. Não te demores a escrever-me o mais breve possível com notícias tuas. A tua esposa que te ama até a morte, Berta.

My darling and missed husband,
It was with tears in my eyes that I read your letter. I was very happy to learn that everything went well upon your arrival. I am very sad without you, as you can imagine but, I have to be patient, it had to be this way. I hope that you will return to us sooner than later. Our son is well. He continues to enjoy school but misses you terribly. Please write back as soon as you can.
Your wife, who loves you until death,
Berta.

3 de Abril de 1965, Ponta Delgada

Ofereço esta fotografia de mim e do nosso querido fillho ao meu sempre querido e saudoso marido como prova do grande amor que te dedico. Aceita o coração cheio de saudades da tua espôsa muito amiga e filho, Berta e Emanuel.

I send this photograph of me and of our dear son to my always dear and missed husband as proof of my love. Accept this heart full of longing from your wife and your son, Berta and Emanuel

19 de Junho de 1965, Toronto, Canadá

Berta querida,

Quero que saibas que estou agora em Toronto vivendo na casa da minha irmã Ilda. O tio levou-me até á fronteira e atravessei para o Canadá perto de Niagra Falls. Que grande país é este. Estou a trabalhar na construção, tenho que me levantar pelas quatro horas da manhã e o trabalho é duro mas, graças a Deus que já te posse enviar algum dinheiro para começar a pagar as nossas dívidas. Não sei quando poderei voltar. Talvez que eu fique aqui mais um ano para ver se endireitamos a nossa vida. Dá um grande beijo e abraço no meu querido filho, que tantas saudades tenho dele e de ti também, minha querida. Teu esposo, Antonio

Dear Berta,

I want to let you know that I am now living with my sister Ilda in Toronto. Uncle Frank drove me to the border and I entered Canada at Niagara Falls. What a big country this is. I'm working in construction now. I have to get up at four in the morning; the work is hard but, thanks to God, I can already send you some money so that we can start paying off our debts. I have no idea when I'll be able to return. Perhaps I'll stay here one more year and let's see if that will allow us to straighten out our life. Give a big kiss and a hug to my dear son, I miss him so much and you, too, my darling. Your husband, Antonio.

27 de Junho de 1965, Toronto, Canadá

Desejo ao meu querido filho uns anos felizes na companhia da mãe e avós, deste teu pai que te ama tanto. Estou muito contente que vais passar de classe, recebe um beijo e abraço deste teu pai, Antonio.

I wish my dear son a very happy birthday in the company of your mother and grandparents, from your father who loves you very much. I am glad to know that you will are doing well in school. A kiss and hug. Your father, Antonio

21 de Maio de 1966, Toronto, Canadá

Meu querido filho,

Parabéns pela tua primeira comunhão. Envio-te esta fotografia para veres como celebramos aqui no Canadá o teu dia tão feliz. Um grande abraço para o meu filho com muitas saudades. Teu pai, Antonio.

My dear son,

Congratulations on your First Communion Day. I am sending you this photograph so that you can see how we celebrated your happy day here, in Canada. A big hug for you, my son. Missing you very much. Your father, Antonio.

18 de Agosto de 1967, Ponta Delgada

Querido Antonio,

Como se passa o tempo tão lentamente e eu sempre com tantas saudades tuas. Envio-te esta fotografia que tirei juntamente com o nosso querido filho em frente da forte de São Braz para veres come ele está a crescer, ele com nove anos e eu com trinta e quatro. Um grande beijo e abraço desta tua esposa, Berta.

Dear Antonio,

How slow time is going by and me always with such longing for you. I am sending you this photograph of me and our son, taken in front of forte São Braz so that you can see how he's growing, he at nine and me at thirty-four years of age. A big kiss and hug from your wife, Berta.

1 de Dezembro de 1968, Toronto, Canadá

Querida Berta,

É com muita alegria que te mando dizer que estou próximo a regressar à nossa querida ilha de São Miguel. Espera por mim no dia 20 de Dezembro. Até aquele dia feliz. Um beijo e abraço cheio de saudade, António.

Dear Berta,

It's with great joy that I am letting you know that I will be returning very soon to our dear island of *São Miguel*. I will arrive on December 20. Until that happy day, I send you a kiss and a hug full of longing, António.

I walked down the stairs of the same SATA airplane that had taken me away, and touched the soil of my native land again eager to be reunited with my wife and son. And there they were, she looking beautiful and smiling and he so tall, already a young man. I rushed to embrace her and she hugged me tight but when I reached out my arms to my son, he stood stiffly, not even looking at me. I imagined he was just shy but that he would soon warm up to me again.

It felt good to be back after three Christmas away. I watched my son arrange the presépio, the Nativity with the old clay figurines of the shepherds and their little sheep, the Three Kings with their gifts, the tiny houses and animals, all made of barro, and the village scenes of a matança and a procession. I had missed the sweet fragrance of pine branches and cedar boughs with golden bells, tied with red ribbon, covered with silver tinsel; the plates of *trigo* on top of the bedroom dresser; coconut balls with Rum and other sweets she and her mother made; and a bottle of sweet licor de Maracujá on the dining room table.

When the New Year came, I told my wife that there was a good life waiting for us in Canada and that we should start it as soon as possible. "*Vens comigo, mas vais ter de trabalhar.*" She would have to work in our new country. Everyone worked in Canada. She worried about taking our son out of school in the middle of the year but I assured her that he could start school once we arrived in Toronto.

It was hard for my wife to leave her parents but she would not let me go back alone either, and on February 4 of 1968 we left for Canada. I assured my in-laws that we would come back one day, but I already knew that we most likely would never return. A life of opportunity was before us and so we ventured out to start a new home.

My father's venture into a new country turned out well. He enjoyed a good life in Canada, surrounded by his parents, sisters, nieces and nephews. Luckily, we always remained a close-knit family and could rely on each other to remind us of our origins in the Azores. I am full of gratitude for my father's journey of promise.

Note: My father did not write his name with the accent needed in António. As a way to honour him, I have spelled his name the way he did.



CHATGPT HASN'T WON ME OVER

Vitor Rui Does

Translated into English by Katharine F. Baker

In recent decades, the prevalence of binary logic has opened doors to a new form of intelligence given the name Artificial Intelligence (AI).

AI is high on the agenda of issues and debates at the global level, with its extraordinary advances, its unimaginable potential and its quite concrete perils – and with various types of problems, above all legal and ethical ones. We are in the realm where machines far outpace human skills, due overwhelmingly to their ability to analyze and combine a plethora of data, or to discern patterns in them that are invisible to our eyes. This is in fact what ChatGPT and similar applications do.

The GPT (Generative Pre-trained Transformer) algorithm is a language model based on neural networks in order to process and generate texts. GPT is “trained” through a massive set of data such as oninternet texts, and “learns” to capture linguistic patterns and structures. What must not be forgotten is that computer programs, or algorithms, are nothing more than sequences of instructions written by programmers. This circumstance

raises very current questions: can we attribute creativity to robots and artificial intelligence? Can algorithms produce art?

Let's take this step by step. AI lives and operates in the digital world. In other words, it recognizes only what is digitized. If it's not there, it doesn't exist. On the other hand, algorithms work solely with numerical data. Any data (text, images, sounds, 3D models, etc.) are always processed as numbers – more specifically as sequences of bits, units that can only take on two values: zero or one.



Another unavoidable fact: algorithms are written by people and only execute instructions in their code, in a predetermined way. A program can create nothing but what its programmer is capable of creating. The result is something perverse: AI always has an answer – and when it doesn't know the answer, it invents one. Therefore, some of their descriptions are fanciful “hallucinations” and often wrong. Given that most people believe everything they're presented, the fabrication of new false realities is ongoing. And in this regard AI is highly sophisticated, in that it does not simply distort reality, as newspapers and television can, but creates a new, deceptive, false virtual reality.

The other day I ran an experiment: I asked ChatGPT to write me a love poem. The result was a string of banalities, vulgarities and commonplaces in the tritest of verses, such as “You are the sunshine of my life...” Utterly disappointing.

I don't know what direction AI will take in the near future. What I know is that for now ChatGPT has not won me over. And I fear cultural fields will be those most affected in the short term. In order for artists, writers, composers, directors, creators, designers, architects, photographers and graphics not to be replaced by AI, it is essential that there be external regulation, i.e., by governments. On the other hand – and because I am a writer and member of the Sociedade Portuguesa de Autores – in view of this new reality, I support a legal framework that for the above-cited makers recognizes other forms of copyright and intellectual property rights.

Unfortunately, confusion has already set in. This April the first prize in an international photography competition was won by Boris Eldagsen, with a classic black and white portrait of two women, from whom an implied complicity emanated. Eldagsen declined the prize, revealing that the photo had been generated by an artificial intelligence algorithm based on textual instructions, and arguing that this methodology for generating photographs is not comparable to the original version based on the use of cameras.



FOTO DE VITOR RUI DORES

NATÁLIA AT 100

*Natália Correia, translated to
English by Diniz Borges*



CÁTEDRA
**NATÁLIA
CORREIA**

Literatura . Cultura
Investigação . Publicações

FRESNO STATE
Portuguese Beyond Borders Institute

A project of the Cátedra Natália Correia, from PBBBI-Fresno State. Bringing Natália to the English language reader...

Sunlit nights and moonlit days

*Of Love nothing remains but an October
and the more I love the more I give up:
the more you undress me the more I cover myself
and the more I hide the more I see myself.*

*And I know that I fascinate and dazzle you
because the more I overshadow myself the more I exist.
Inside I illuminate myself, hidden sun,
outside I kneel onto you, mystic body.*

*Don't wake me. I'm dead in the bazaar
of your kisses. Ethereal, my kind will not
diminish, not even from your zealous Love.*

*But the more I crumble into a cloud
the more of earth and fire is the embrace
with which in the flesh you want to keep me young.*